



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DE REDACÇÃO
JULIO DUMONT (CORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA EDITORIA L. COMDE BARAG, 50 - LISBOA

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
R. da ATALAYA N.º 128 2.ª
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 1200 REIS
SEIS MEZES 300
TRES MEZES 200
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS PREÇO CONVENCIONAL

ANNO 2.º
N.º 81

Terça feira, 14 de SETEMBRO de 1909

Assalto misterioso...



— Reparem bem nas feições d'este typo e digam-nos se não será o verdadeiro assaltante!...

CHRONICA

O *Portugal*, folha jesuitica de que é redactor o celebrado padre Mattos, escreve n'um dos seus ultimos numeros:

"Não appellamos para o rei. Esse não pôde fazer nada. Enganam-o. Ameaçam-o. O affecto que lhe dedicamos não nos permite dizer-lhe o que se nos está desprendendo dos bicos da penna. Alguem l'ho dirá por nós..."

E' preciosa a informação. Ao que dizem e toda a gente sabe, o joven rei está rodeado de palacianos e de padres.

No seu palacio só entram as fardas dos cortezãos e as roupetas dos jesuitas.

Nas raras vezes que sae vae escoltado como um prisioneiro.

No entanto o orgão do reaccionarismo da capital afirma que o rei não pôde fazer nada porque o **enganam**, porque o **ameaçam**!

Quem o illude?
Quem o ameaça?

O povo, cuja voz não consegue transpôr as portas do paço, cuidadosamente guardado pela tropa?

A imprensa liberal que não tem a honra de ser lida pela Magestade, porque, por fatalidade sua, lh'a sequestram?

Alguna voz occulta resoando nas noites tempestuosas, levada pela ventania forte?

E' impossivel. Então se o rei é enganado e o ameaçam quem o faz?

A logica faz suppôr que são os que rodeiam o rei, isto é os cortezãos ou os jesuitas.

Não cremos que os primeiros se afastem da linha fidalga dos seus pergaminhos, enganando ou ameaçando o seu amo.

Se o fizessem seriam infieis servidores e praticariam um verdadeiro duplo crime de lesa-magestade.

Enganar um rei, que, no dizer dos monarchicos, é a garantia da felicidade dos povos, é prejudicar um paiz é ludibriar uma nação.

Ameaçal-o era um crime commum porque dentro dos codigos penaes por que se devem reger nobres e plebeus a ameaça representa a intenção de um delicto.

Não. Por honra da nobreza ou dos que pela suas qualidades de *élite* convivem com o rei não admittimos que elles o enganem nem ameaçam.

Restam então os jesuitas, que enxameiam nas douradas salas do palacio, entristecendo-as com o negrume das suas sotainas.

O engano, a calumnia e o ludibrio são apanagios da Companhia de Jesus.

A ameaça resalta dos seus labios nos sermões e das suas pennas nos jornaes.

Será a seita negra que ameaça o rei?

Será a companhia de Jesus que

o engana, envolvendo-o na emmaranhada rede das suas hypocrisias?

Responda o *Portugal*, mas clara e francamente.

Diga a verdade ao menos uma vez na vida.

ORLANDO.

A LANTERNA

Um numero mais se encontra publicado d'estes bem redigidos opusculos de inquerito á vida religiosa e ecclesiastica portugueza.

N'este numero responde Paulo Emilio ao rev. Santos de Figueiredo e a uma nova infamia do sabujo padre Mattos.

Recomendamos a sua leitura por ser interessantissima.

Os incendiarios da rua da Magdalena continuam a tomar ares no Limoeiro, com bella vista de mar e terra, visitas, etc., etc.

O julgamento... ha de chegar um dia, um dia ha de chegar.

Que pressa!

Fala o Mattos.
«O povo portuguez é bom mas é inculto...»

Se está n'essa situação só o deve á clericalha.

Lá bom é, tão bom que ainda se não resolveu a fazer uma limpeza nos homens que usam saias. Mas não é tarde...

s Lusíadas para rir...

Canto I

Argumento

Reunem-se os ladrões de grande porte, Oppõe se ao vil Xuão, (1) Mattos (2) de mente, Ajuda-os a Marqueza, (3) e pois com sorte Entra frota na Hespanha alegremente. O Mattos invejoso busca morte, Procurando intrigar toda essa gente, Que após vêr tanta acção baixa e traidora, Chega á terra dos burros em má hora.

(Continúa.)

REI LUSO E VIU-SE GREGO

(1) O Rei dos Casmurros, verdadeiro assassino do Homem da Pioleira. Substitue o grande Vasco da Gama, a quem sobreleva, pois não tem medo de navegar em noites callaginosas...

(2) Pae do Albino e professor da Casa Pia. O homem das lunetas. Substitue Baccho, a quem derrota em toda a linha.

(3) Certa alumna do Saoré-Cœur. Substitue a airosa Venus.

Alviçaras

Quem nos dá noticias da Liga monarchica!?

Iria para o fado?

Se calhar

Sabem quando o Vilhena é presidente do conselho?

Quando o Bapista Diniz fôr tourear a Algés!

E talvez isto seja mais certo, não acham?

Estava a sonhar

A mamã da mocidade radiosa não pode *grammar* que seja o cunhado arreda o gerente do reino durante a ausencia do rapazelho.

Ai não, brinca!
Naturalmente queria que ficasse com o pennacho o padre Mattos!
Ou o Tontinho!...

MUSA VERMELHA

XII

Sempre Virgem!..

A certo pequerrucho provocante,
Que cá nesta Falperra é o reinante.

Vós sois ainda virgem, meu senhor,
Segundo ahi se diz á bocca cheia,
Não conheceis mulher bonita ou feia,
Nem sabeis o que seja isto de Amor...

Eu julgo ser para vós um dissabor
Não poderdes amar qualquer sereia,
Gabar-lhe a perna envolta em fina meia,
E dar-lhe mil beijocas com calor...

Se quereis acabar com os recatos,
Mandaes *áquella parte* os varios Mattos,
Que querem ter-vos virgem 'té á morte...

Senão, continuaes esse fadario,
Vivei abandonado, solitario,
Governae-vossósinho, e estaes com sorte!..

REI LUSO.

O Fado das mulheres

O distincto poeta Avelino de Souza deu-nos mais uma prova do seu talento sobejamente comprovado n'outras produções poeticas.

Referimo-nos ao *Fado das mulheres*, magnificas trovas alexandrinas, cheias de inspiração e que, com musica para piano, custa simplesmente 100 réis. Agradecemos o exemplar que gentilmente nos enviou.

Nosso Senhor permita...

Pedimos pelas bemditas alminhas do Purgatorio a todos os santos e santinhas da córte dos céus, que *Nosso Senhor* seja servido de mandar ao poder o eminente conselheiro João Franco.

Era a unica maneira de Portugal se levantar da situação em que jaz...

Vinha a Republica em menos de dois dias...

Não pôde haver felicidade maior que a nossa!

E' tal o prazer e a alegria que quasi reventamos.

Cá temos novamente pisando terra portugueza o dictador-fera e já nas côrtes um francaceo insinuou a possibilidade de um ministerio *thalassa*.

Que rica coisa!

Calculem que bons elementos teria, agora um governo d'esses, com o concurso do padre Mattos, o ex 3527, o Balsemão, o Bandalho Martins, etc. etc.

Era para pôr o paiz a direito emjmenos de um phosphoro!

Tomáramos já, quem dera,
Vêr o franquismo grimpar,
E vêr o dictador-fera
Outra vez a governar,

Com a dictadura brava,
Sem ideia de protesto,
Té o Zé se endireitava
Para fazer qualquer gesto!

E' pyramidal.

Conta um collega que na Figueira da Foz ha um casino da alta que tem um coreto em frente e onde os *pontos* jogam descaradamente a batota ao som do hymno da Carta.

Deve ser delicioso estar com uma boa carta na mão a ouvir o hymno da dita.

O diabo é se a carta é má e o ponto berra:

— Ora bolas para a carta e mais para o hymno.

Joga-se franca a batota,
No tempo do Wenceslau,
E diz cá muito janota
A puchar o rabo á sota:
— Então .. é mau?

Ultimamente no parlamento a approvaçãõ dos projectos tem ido *a nove*.

Aquillo, se não fossem os deputados republicanos, era obra de prestidigitador agil: Uma... duas... tres... passou.

E enquanto o diabo esfregava o cantinho do olho estava o pobre Zé com mais uma duzia de albardas ás costas.

E' uma gatinha muito activa aquella de S. Bento.

Eram projectos aos centos,
Uns aos outros agarrados,
E dentro em poucos momentos
Eram todos approvados.

Evitaram-se aranzeis
Sem bulha nem discussão,
Forjaram-se p'r'ahi leis
Como quem amassa pão!

Conta o *Mundo* que um masmarro que andava á caça da fortuna de uma condessa riquissima e já fallecida, depois da misa disse-lhe:

— Madame, tive uma inspiração divina, durante o santo sacrificio... Quer saber? O Espirito Santo pede-lhe que dê esta quinta aos padres.

E que ella, radiante de fanatismo, respondeu-lhe:

— Oh! monsenhor, a santa vontade de Deus seja feita!...

E foi.

Vejam lá com que devoção elle dizia a missa, a pensar na maneira de apanhar a propriedade da devota titular.

Que sucia!

E ainda ha quem se fie em taes ministros de Deus que são os primeiros a desacreditar a religião.

Se Christo voltasse agora
Pedia um pau bem valente,
P'ra correr p'la igreja fóra,
Com essa sucia que explora,
Quem é beato ou demente.

ORLANDO.

Um pasquim que tresanda a chulé de gallego porco dirige-nos varios insultos que muito agradecemos.

Realmente o ser-se insultado por aquillo é uma honra para qualquer pessoa medianamente decente.

E fique-se com esta.

E a respeito de pontapés não será pau?...

Parece-nos que o verdadeiro nome seria pontapatas.

Estão furiosos os *lirosos* do Terreiro do Paço por não passar n'esta sessão legislativa a proposta dos ordenados aos secretarios dos ministros.

E' uma pena!

Não ha *liroso* da Arcada que não esteja á espera de tal logar.

Ha menino que até queria ir para lá só para aprender a ler...

Serias...

Apesar de já estar frio,
Na passada quinta feira
Fui á musica ao Rocio,
Mas andei n'um corropio
Atraz de dama brejeira.

Como agil pimpolho
Sem ter nada de lapuz,
Após piscadellas de olho,
Não houve zanga nem 'scolho
Mas uma ceia de truz.

Foi bem triste o resultado,
Porque do frio apanhar,
Hoje estou tão... constipado,
Que tenho o nariz inchado
E sempre, sempre a pingar.

OSCAR.

Consta que o *coxõ* dos Navegantes vae brevemente para Anadia.

Vae dar ares á *ronha* para voltar com ella mais fresca.

VERDADES CRÚAS

Gomes Leal, o apreciado escriptor revolucionario, continúa publicando semanalmente os seus pamphletos de critica mordaz a este pôdre regimen que ainda temos a infelicidade de aturar.

O ultimo numero das *Verdades Cruas* é devéras apreciavel e por isso é de esperar que a sua accitação seja igual, senão maior ainda, á dos numeros publicados.

Estamos desolados, sr. Balsemão.
Nem um *pum* nem nada?...

Munto istimarê ca isteja de saude a mal todos ca la pertence, e juntamente óspois tan istefêto coma ê istou.

E istou memo aos pulos nin vomecê a concedera coma ê istou contente.

Chigou o grande home!

Chigou o sôr Xuão Franco!

Agora sansenhor!

Agora é ca jente vae ter festas rijas no Rocio, no Largo de S. Domingos, en Alcantara, Belem, Portugal e Algarbios.

Aquelle nan é a Cambra nen é o sôr Wencislau.

Agora cá curetos e mizeca?

Isso não presta. O ca ten graça é ver a tropa no Rocio a perder as noites da suciadade com as cavalgadas (com perdão de vomecê) tal cal como a jente faz com as varinas pelo Santo Intoino.

O ca adiverte é a gente ver os esmercicios de tiro ao Zé.

O ca ten peléria é um home andar aborrecido pela rua, sen ter com quen falar, e da repente ser agarrado e pregaren com elle de suciadade com toda a calidade de jente e levar toda a noite a falar e a oivir falar.

Põe intão cumi é!

Deus nosso senhor apremita ca elle nan venha pacáto!

Ao mehos sempre uma piçõa ten com ca sa entrater.

Elle voltará a ser milistro?

Deus quêra!...

Adeus sor redaitor até Domingo ca i le vou fazer as minhas aquellas e acête saiodades da cachopa e minhas, ou seja de nós ambos i dois.

Sou sê amigo

MANEL CEGUINHO.

Olliveirinha da Ronha, logar da Fronha

10-9-909.

A estrumeira do Pelourinho acha um absurdo o pensar-se que foi a policia que assaltou as casas do dr. Magalhães Lima, dr. Amor de Mello e sr. Consiglieri Pedroso, onde os gatunos (?) só mecheram e levaram papeis sem valor.

A estrumeira que o diz lá tem as suas razões.

Ninguem affirma que fossem *bufos*; até podiam ser jesuitas...

Epigramma

Um dia certo juiz,
De qualquer terra d'além,
Berrou a um pobre petiz:
— Tu és filho, mas de quem?...
Torceu, coitado, o nariz
O garoto e disse bem:
— Quem foi meu pae ninguem diz,
Mas eu sou filho da mãe!

LÁ CONICO.

Alma do Diabo



(Parodia á Alma de Diós)

I

Ri-te Farinheira errante
Do que fizeste soffrer,
Tu que o Alcaide julgavas
Não voltar's a vêr!
Tu que o Alcaide julgavas
Não voltar's a vêr!

Lisboa de-meus rancores
Não esquexerei
Que com mais xeis dictadores
Gente matei
Vida de inquieto e extranho
andar

Pois xe m'apanham
Dão-me a matar . . .
Escuta, oh ente immundo
Os clamores d'odio profundo,
E então, confessarás!
Que o povo é bem capaz
De encher a barretina ao
gajo audaz!

Cá estou de novo agora
Vamos a vêr!
Xe o Zé me não pôe fóra
Mas se o Poder
Eu consigo apanhar,
Vão todos todos
A fuzilar!

Escuta, oh ente immundo, etc.

II

Xe p'ra um lado me viro
Vejo caxetes no ar,
Julgo mesmo que deliro
Xem ter onde me apoiar!
Julgo mesmo que deliro
Xem ter onde me apoiar!

Era ainda pequenino
— Co'o padre Mattos! —
Xó gosava á valentona
Matando gatos,
Depois crescido, xenti ventura
Pondo o paiz
Em dictadura.

Escuta, oh ente immundo
Os clamores d'odio profundo,
E então, confessarás!
Que o povo é bem capaz
De encher a barretina ao
gajo audaz!

Bom não xerá o meu fim
Oh triste fado!
Xó eu tenho dó de mim
Estou enracado!
De que me xerve ter dinheiro
Xe é meu destino
Um candieiro . . .

Escuta, oh ente immundo, etc.

Approximara-se o crepúsculo e a frouxa luz do dia coada pela vidraça da janella da pequena saleta batia em cheio no rosto de D. Raspão que consultava um catalogo de uma importante fabrica de automoveis.

Subito volta-se e diz com voz de trovão para o tenente Salsa, seu inseparavel companheiro:

— Olha lá, ó coisa; abre ahí o gaz e vem cá para dares aqui a tua opinião sobre uma coisa.

— Dize lá, Alteza.

— Olha, gostas d'este modelo de carro? Tem oitenta cavallos, é elegante e d'isto ainda cá não ha.

— Não desgosto; e o preço?

— O preço é de oito mil e cem francos, posto cá, pouco mais ou menos.

N'isto assoma um criado á porta da saleta trazendo uma carta para D. Raspão. Elle pega-lhe e diz para o criado, com ar sacudido:

— Raspa-te.

Em seguida, fitando o envelope diz:

— O' Salsa, pela letra, parece-me que é da Frazão. Raios a partam, camapheu. Eu já lá não volto mais. Sahu-me uma exploradora de marca. Quando lá vou está sempre com necessidades impreteriveis. Vá lá ter necessidades para quem tem obrigação de a aturar.

Abrindo a carta:

— Ah! não é; é da Sobrêda. Olha aquella diabo. Deixa vêr o que ella quer.

Percorreu a carta rapidamente com a vista, e voltando-se para o tenente diz-lhe:

— Olha lá, ó Salsa, não te appetite hoje uma noitada de pagode?

— Eu sei lá, Alteza. Ando tão moido...

— Moido! Que raio de homem és tu? Parece que és feito de caca de gallinha! Vamos por ahí fóra, não te faças camello. A's tantas e á paizana sahimos sem fazer ruido e vinte minutos depois estamos a contas com a Sobrêda. Vamos vêr o que nos prepara ella hoje. Mas, ó Salsa, tu a final és macio e cagarola como burro! De que diabo te arreceias tu?

— De nada, mas é que ellas não matam mas móem.

— Qual historia, meu abobora. Arredalá da cachomonia essas pieguices. Nem parecees militar! Tu eras bom para teres pas-

sado os boccados amargos que por cá teem ido já. Eu nunca encontrei difficuldades nas minhas aventuras; coisa determinada era conseguida. Este é o meu systema.

— Não é bem assim, Alteza, diz o Salsa com ironia.

— Não? Porque?

— Nem sempre ás coisas bem determinadas são bem succedidas; ás vezes...

— Ah! já sei a que te queres referir. Tambem foi a unica vez e foi porque tinha a sahida interceptada. Mas aquillo foi uma verdadeira lucta de cavalgadas. Imagina tu que ás arremettidas do João Chicote, que por signal eram rijas, despedia eu cada sócco que nem coices da minha russa do lado da sella.

STYL

TESURAS

Confesso que não tenho medo á morte; O espectro que apavora tanta gente Encaro-o com desdem, bem friamente, Não é cousa p'r' ahí com que m'importe.

Receio não possuo que ella me corte O fio da triste vida descontente Nem que a tumba se abra de repente P'ra receber quem foi falho de sorte.

Não sinto medo algum, podem-me crêr... Morri? Se todos tinham que morrer Decerto não ficava p'ra semente...

Porém baixinho faço a confissão, Se medo não possuo, sou tão cagão Que só queria viver eternamente!

PICHIRINÉE.

COMEDIDO

O tal empreiteiro Busquets em 1900 queria 149 contos de indemnisação, actualmente quer só 220!!!

Não é muito exigente, vamos lá!

Outro fosse elle que pedisse por exemplo o resto que ha em Africa e que nos pertence.

As seis mulheres do sr. Pinguin

CAPITULO XV

Um escandalo na musica

— Retire-se, insolente! interrompeu a sr.ª Pinguin. Ah! Deus omnipotente!... Eu bem sabia que um dia ou outro havia de me encontrar na presença d'estas ignobeis creaturas, homem sem vergonha!... Tinha um presentimento d'isso.

A Margarida embespinhou-se e exclamou: — Fazes-lhe calar a bôcca ou não, Theophrasto?... Parece uma cegarrega.

Ouvindo aquella altercação, a gente que enchia o passeio reuniu-se logo em roda d'elles.

O Theophrasto sentia baterem lhe as fontes e a Eudoxia escumava de raiva.

— Acabe com isso, mulher! exclamou ella desesperada, acabê, senão grito O' da guarda!...

— Então, me... nina, gemeu o sr. Pinguin, vamo-nos embora.

Mas logo se ouviu por detraz d'elles uma voz clara.

— Olha, o Theophrasto, o meu velhinho!... Com estás tu?

E a Sarah, que tinha vindo em auxilio da outra, perfílou-se deante do sr. Pinguin.

As duas horizontaes deram logo nas vistas. Com uns chapéus extraordinarios, verdadeiros jardins suspensos, e uns vestidos de côres vivas — a Margarida de amarelo e a

Sarah de encarnado — todas cheias de laços e com as suas maneiras excessivamente livres, attrahiam forçosamente as attentões.

E' facil de imaginar o desespero dos esposos Pinguin ao verem-se interpellar por pessoas tão compromettedoras.

A Sarah continuou:

— Então, meu caro, não se diz nada á tua amiguinha? Faze lá uma carinha bonita.

Mas a Margarida interrompeu-a e, com as mãos nos quadris e em attitude aggressiva, gritou-lhe com uma colera simulada:

— Diga-me cá, tem tenção de me palmar os meus amantes?

A SARAH. — Os seus amantes? E' do Theophrasto, que está aqui presente, que fala?

A MARGARIDA. — Exactamente, minha senhora. E siga o seu caminho, senão temos zargata.

A SARAH. — Ora essa! O Theophrasto seu amante!... Há cinco annos que o conheço: não é assim, queridinho!

O sr. PINGUIN, muito afflicto. — Então, minhas senhoras, então... Peço-lhes que soceguem.

N'esta occasião já estavam rodeados por um grande agrupamento de gente.

A Sarah e a Margarida replicaram:

— Não querê que alterquemos? Então dize lá, de qual de nós gostas?

A EUDOXIA, fóra de si. — Mas isto é abominavel!... Então não ha policia?...

A MARGARIDA. — Quer que a vá buscar, minha senhora? Era melhor que dissesse ao seu marido que nos respondesse. Então, Theophrasto, escolhes ou não?

O sr. PINGUIN, rebentando. — Com mil milhões de diabos! Deixem-me em paz! Não as conheço!...

A SARAH, fingndo-se muito afflicta. — Con-

tinúas a ter o mesmo mau genio!... Lembra-te do meu armario com espelho que partiste n'uma noite em que estavas bebado?

A MARGARIDA, no mesmo tom. — E as minhas cortinas que rasgaste em pedaços? Mas isso não quer dizer nada, gosto de ti da mesma maneira.

O sr. PINGUIN, enfurecendo-se cada vez mais. — As suas cortinas! O seu armario!... Que quer dizer isso? Ah! Começo a acreditar que estão todos doidos!... Estou com um tomate!...

E no entusiasmo do seu discurso, o pobre diabo deixou escapar um ruido que redobrou a alegria dos espectadores.

Então, sempre bem tarde, conforme a tradição, appareceu a força armada na pessoa de um agente baixinho, de barba branca, que gritou com voz nasal, endeireitando a estatura microscopica?

— Que vem a ser isto?

O sr. Pinguin conhecia o guarda, que se chamava Ráfot e fóra de serviço era um pobre homem tão inoffensivo como o marido da Eudoxia; sentiu, por isso, grande alegria quando o viu e correu para elle, dizendo-lhe:

— Ah! sr. Ráfot, chega muito a tempo!...

Mas a auctoridade respondeu n'um tom arrogante:

— Agora não sou o sr. Ráfot, sou um agente da ordem. Que vem a ser este barulho?

O Theophrasto ficou calado, mas em compensação as tres mulheres puzeram-se a falar ao mesmo tempo.

A sr. PINGUIN, com voz aguda. — Estas creaturas insultaram-me grosseiramente!... Prenda-as, sr. Ráfot!...

(Continúa.)

guas, não era positivamente um freio moral...

Na sessão da Camara Municipal de hontem, o vereador Correia Pacheco disse que, tendo-se lembrado na sessão passada de promover uma prova de reconhecimento ao deputado João de Menezes, não o fizera para que ao facto não désssem côr politica. Lamentou seguidamente não poder manifestar igual gratidão aos ministros naturaes d'esta cidade; a quem seria facil fazer discutir e approvar os projectos de lei dos quaes depende o progresso do Porto.

Não julgava tão ingenuo o illustre vereador. Naturaes d'esta cidade alguns ministros? V. ex.^a ignora acaso que os ministros veem todos da *Arranjolandia* e só conhecem a terra onde nasceram quando passam a honorarios?

Ainda n'*A Cruzada*, n'um artigo finamente dialogado que até parece o *Raspão* do Sá d'Albergaria, depois de varias desconxavadas beliscaduras na grammatica, diz o Theodoro ao sr. Manuel da Vinha:

— «E aqui está como eu me desenganei e como comecei a comprar o «Portugal» que é quem lh'as diz na cara (aos republicanos e livres pensadores) sem medo e sem se cançar!»

O auctor do artigo, filho prodigo que a religião acolheu amistosamente nos cabelludos braços, anda á procura de um casamento rico ou já se sentiu penetrado pela poderosa influencia do Padre Mattos — moral ou physicamente...

Guindado a bispo o Reverendo Sebastião, logo surgiu o Padre Abreu, tambem Reverendo, com o Recreatorio do Carmo, onde os rapazes apprendem solfa, artes bellicas e conjugações irregulares.

Digam-me os leitores amaveis:— Porque será que os padres gostam tanto de rapazes?

RAFAEL.

Campo Pequeno

Preparam-se bellas corridas para fechar a epocha tauromachica; entre outras, teremos ainda n'aquelle redondel as seguintes:

Festa do Morgado de Covas, que em breve parte para Montevideu, para onde se encontra contractado para 5 corridas.

Festa de Eduardo de Macedo. Reappareição dos notaveis espadas *Fuentes* e *Bombita*.

Vamos ter um final de epocha magnifico.

Diz-se que o macaco azul espera abichar a *jarreteira*.

Para um *jarreta* está mesmo ao pintar da faneca.

Prece fervorosa á milagrosa Senhora de Lourdes

Oh! milagrosa santinha,
Dá-me um ar da tua graça
P'rá minha infeliz gatinha?
Soffre tanto, coitadinha!
Tem dó d'aquelle desgraça.

Desde janeiro passado
Que padece horrivelmente.
Adoeceu no telhado;
Tem o ventre tão inchado;
Está mesmo muito doente.

Dá-lhe alívio áquelle mal
Mas, isso sem aparato,
E diz santinha, a final
Se o mau estar do animal
E' mordedura de gato?

Se é, quem foi o cretino,
O maldito desalmado,
Esse D. Juan felino
Qual pae d'um orphão Albino,
Que a foi pôr n'aquelle estado?

Intercedei, pois, senhora,
Por nós e pelos anjinhos,
P'ra que tenha boa hora,
Sendo d'ella protectora
E dos futuros gatinhos.

Junto á vossa intercepção
Esta prece justa vae:
Tende d'elles compaixão!
E não permittaes então
Que os abandone o pae.

STYL.

CARLOS LEAL

Este sympathico artista realisa hoje a sua festa na rua dos Condes, com um programma magnifico. Os seus amigos preparam-lhe grandes manifestações.

Este artista passa a fazer parte da companhia do theatro do Principe Real.

Alfredo de Carvalho

Um grupo de amigos d'este querido e popular actor promove-lhe no proximo domingo 19, no theatro Avenida, um espectáculo, que, a avaliar pelos elementos de que já dispõem, deve resultar magnifico.

Esta festa realisa-se como congratulação do restabelecimento do notavel artista, e n'ella reaparece Alfredo de Carvalho.

Conselhos d'um parvo

Se a mulher se quizer ir confessar,
Obriga-a, sem dinheiro, a jejuar,

Se a filha te pedir p'ra ir á igreja,
'sfrega-a bem com um molho de carqueja.

Se um *thalassa* contigo discutir,
Faz-lhe figas e manda-o ir despir!

Não emprestes dinheiro, é um perigo,
Porque ficas sem elle e sem amigo.

TANSO.

Tenha dó...

Decididamente, ó seu Soveral, nunca mais dá a pequena ao rapaz?!

Apostamos em que, quando ella vier, já o pequeno está na espinha!... E' pela certa!...

Vamos, tenha dó d'aquelle desgraçadinho!...

Theatradas

Nada ha mais maçador que um individuo estar aborrecido.

Ha noites estava eu com um ataque de spleen medonho, sentado no café Gelo, quando me veio bater no hombro o Mauricio, velho amigo e condiscipulo.

Creei alma nova porque o Mauricio é um bom cavaqueador.

Veiu a politica a terreno, falou-se no regresso do dictador e na alegria dos *thalassas* que estão de orelhas arrebidadas á espera do pennacho.

Desandou a conversa muito naturalmente para as boas mulheres e o Mauricio contou-me a seguinte aventura:

Ha noites estava eu na Trindade assistindo á representação da espiritosa revista *No paiz do vinho*, quando fitei o meu binocolo n'uma appetitosa lourinha, de olhos azues, elegante e risinha.

Estava em companhia d'uma quarentona que suppoz ser mãe, mas que depois soube ser apenas uma especie de... tia.

Insisti em fital-a, e no intervalo subi as escadas a quatro e quatro e fui passear para o corredor dos camarotes lendo o jornal, para disfarçar, mas mettendo o nariz no camarote onde estava a minha bella.

Começou dando sorte e como eu percebesse que estava o namoro feito, rabisquei á pressa um bilhete e deixei-o cair no camarote. Leu disfarçadamente e chegando á porta segredou-me:

— A' manhã á noite na Rua dos Condes, onde vae a revista *A abelha mestra*.

— Sei perfeitamente e já vi porque é uma bella revista.

Custou-me a dormir a noite a pensar na noite immediata. Desembolsei o diñheiro gostosamente e lá estava a minha conquista. Vi a revista nos olhos d'ella e findo o primeiro espectáculo fomos os tres para a feira de agosto, que está a acabar; ellas adeante e eu atraz, feito caosinho fraldiqueiro.

A quarentona ia a fingir-se zangada, para fazer render o negocio, mas passou-lhe a zanga na antiga barraca das farturas, onde empinou quasi litro e meio de murraça.

Deixou-se dormir a um canto e a pequena sahio commigo, dizendo que não fazia mal dar uma... volta.

Entrámos no Chalet Avenida, apesar de já termos visto a revista *Em aguas de balcahau* e não fomos tambem ao Theatro Chalet, onde sobe á scena a revista *Na brecha*, por não haver tempo.

Voltámos ás farturas, mas a velha já lá não estava, o que aliás a minha conquista sabia perfeitamente.

Avenida abaixo, no bello electrico que por signal ia a dormir o roncoiro andar das voltas da feira, combinámos ceiar alegremente e depois esperar á madrugada e ir á praia de Algé vêr tomar banho.

Assim foi. Tremzada depois da ceia e quem nos visse julgar-nos-hia uns titulares *embagados*, embora um pouco *embriagados*.

A' volta é que foram *ellas*. Mal nos apeámos no Rocio um bufo iracundo deita o gadanho á minha conquistada e berrou-lhe:

— Está presa. Você anda por aqui fóra das horas regulamentares?

Tableau.

SECRETARIO.

O desarrumar da bagagem



— Até que enfim ... cá estou.